



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1184

COMPADRIO EM TEMPOS DE GUERRA: TRAJETÓRIA, EXPERIÊNCIA E ESTRATÉGIA DO PARDO LIBERTO MARTINHO ZEFERINO DA CUNHA

Dra. Daniela Vallandro de Carvalho
UNICENTRO (Guarapuava-PR)

Resumo: Em consonância com a proposta do Simpósio Temático “Cultura Negra no Brasil: História, Política e Memória”, sobretudo no tocante a ideia de pensar sobre as formas de atuação política e estratégias criadas por negros e negras e as diversas resistências operadas pelos mesmos, propõem-se apresentar uma discussão sobre compadrio em tempos de guerra, através da trajetória de um negro/soldado junto a seu chefe e compadre, como forma de buscarmos pensar através da ótica da trajetória, do alargamento do conceito de resistência e de forma microscópica, como determinados indivíduos agenciaram junto a seus senhores, condições de mobilidade ascendente, em um contexto turbulento aberto pela guerra. Estamos nos referindo a Martinho Zeferino da Cunha e de Antonio Vicente da Fontoura, respectivamente, um velho negro soldado da Guerra Civil Farroupilha e de seu respectivo comandante, um dos importantes líderes do movimento deflagrado na Província do Rio Grande do Sul, a partir de 1835. O aporte teórico-metodológico está amparado nas discussões da micro-história, mas também orientados por discussões maiores presentes na História social da escravidão, postura que vem sendo trabalhada por uma historiografia específica que tem já um longo percurso de discussões no Brasil.

Palavras-chave: compadrio; escravidão; liberdade, estratégias, mobilidade social.

Entre a multiplicidade de experiências abertas aos cativos em tempos belicosos - para muitos deles estava posta a possibilidade de seguirem seus senhores, vinculando-se à guerra via as opções tomadas por aqueles com quem construíram alguma espécie de laço. Mesmo que através de inserções informais nos campos de batalha, muitos cativos estiveram lá, prestando auxílio e executando as tarefas destinadas a eles por seus senhores. A estes cativos cabia estabelecer laços suficientemente fortes para que ampliassem suas chances de algum tipo de ganho ou prestígio junto a estes senhores. Estes vínculos podiam estar mediados por inúmeras questões, e o compadrio foi uma delas. A história de Zeferino Martinho da Cunha e de seu senhor, Antonio Vicente da Fontoura apontam nesse sentido.

O encontro com Zeferino não teria acontecido não fosse um crime: o registro desse acontecimento através de um processo criminal e a morte do Comendador Antonio Vicente da Fontoura. Embora Zeferino já figurasse no Diário do Comendador, obra que já se conhecia, foi a partir da leitura do processo-crime que detalha o assassinato de Fontoura que passamos a

perceber com outros olhos a presença insistente de Zeferino e a importância da história daquele pardo velho. A grande maioria das informações que dispomos sobre Zeferino procede deste documento, precioso registro de um momento único, onde um assassinato expõe claramente as redes e grupos políticos existentes na vila de Cachoeira, interior da Província do Rio Grande do Sul. O crime ocorreu dentro da Igreja Matriz, em setembro de 1860, dia de eleição na paróquia (RIGHI, 2009).¹ Porém, não trataremos aqui desse rico embate de forma pormenorizada.

Quando do primeiro contato com este personagem, no documento de 1860, Zeferino aparecia como negro liberto que vivia de suas agências e tinha 54 anos. Os anos de guerra no sul do Império foram fundamentais para Zeferino. O menino Zeferino havia nascido por volta do ano de 1806, na paróquia de Nossa Senhora da Conceição da Cachoeira. A paróquia onde nascera Zeferino abrangia um território muito vasto, toda a fronteira do Rio Pardo, isto é, o território da margem direita do Rio Jacuí até o Rio Camaquã e a linha de demarcação dos limites do Tratado de Santo Ildefonso.² Não sabemos ao certo quando se deu o encontro de Zeferino com Antonio Vicente, nem se foi o próprio Comendador que lhe passou alforria, pois esta não foi localizada. Entretanto, sabe-se que Zeferino foi escravo, pois, há a informação de terem a ele se referido como um “pardo liberto”. Sabe-se também que suas vidas se cruzaram já antes da guerra civil na província sulina.

Antonio Vicente da Fontoura veio ao mundo no ano seguinte ao de Zeferino, a oito de janeiro de 1807. Nasceu no município de Rio Pardo, filho de Vicência Cândida da Fontoura e de Eusébio Antonio da Fontoura, agrimensor e relojoeiro português que veio para o Rio Grande do Sul na tentativa da coroa portuguesa de demarcar os territórios rio-grandenses (RIGHI, 2009, p.115). Fontoura era filho de pais pobres que não podiam lhe dar as primeiras letras, tendo sido colocado numa das melhores casas de comércio da vila para aprender o “tráfico”. Assim, aos quinze anos estava trabalhando no comércio.

¹ A *algazarra* que resultou na morte de Fontoura teve como motivação a disputa eleitoral na paróquia de Cachoeira, entre Luzias e Saquaremas. Antonio Vicente era da parcialidade dos liberais, ou Luzias. APERS, Processo-crime, Cachoeira do Sul, Maço 6, auto nº 3079. Sobre uma discussão mais ampla e disputas políticas entre estes dois grupos, ver MATTOS (1990).

² Noutras palavras, abrangia os Municípios de Cachoeira, Santa Maria, Caçapava do Sul, São Sepé, São Pedro do Sul, General Vargas, Jaguarí, Cacequi, São Gabriel, Alegrete, Uruguaiana e Santana da Boa Vista. <http://www.diocesenet.com.br/paroquias.htm>

Na década de 1820 muda-se para Cachoeira e lá se torna caixeiro. Aos vinte e um anos já tinha seu negócio próprio, todavia, a inexperiência o fez quebrar, ao emprestar dinheiro a um parente. Recuperado, impulsionado pelo crescimento pujante de Cachoeira, antes da guerra começar já estava novamente com uma casa comercial estabelecida, negociando os gêneros mais diversos como couros, gado, erva-mate, bestas, cabelos, etc. Os anos de 1830 principiaram com Antonio Vicente se tornando vereador em Cachoeira, “apesar das intrigas dos portugueses”. Em fins de 1831, foi nomeado procurador fiscal do município. Foi ainda eleitor de paróquia tendo sido novamente eleito vereador, chegando a Juiz de Paz do Município, cargo ao qual renunciou para se tornar Juiz Ordinário (FONTOURA 1984, p.17-20).

Quando a guerra chegou, Antonio Vicente já era um homem de muito boa condição, bem estabelecido na paróquia de Cachoeira e com sólidas relações. Tinha a esta época vinte e oito anos enquanto Zeferino em torno de vinte e nove. Como já referido, a amizade entre os dois existia “desde antes da Revolução”. É certo que no principiar da guerra Zeferino já estivesse ao lado de Antonio Vicente a acompanhá-lo. Aliás, sua companhia constante ao lado de Antonio Vicente foi um dos pontos ressaltados pelas testemunhas chamadas a prestarem informações no assassinato que vitimou o Comendador Fontoura em 1860. Ao se referirem a Zeferino Martinho, três testemunhas reafirmaram a constante presença dele ao lado de Antonio Vicente. O Capitão João Antonio Campos, Teobaldo Vieira da Cunha Felisbino Inácio da Cruz, dizem o seguinte, respectivamente:

Que o acompanha em todas as suas viagens com especialidade para o lado da campanha ou fronteira (...) companheiro em todas as viagens quer quando Fontoura fez tanto nesta província como para fora da mesma (...). Que todas as vezes que o senhor Fontoura faz viagem e que o senhor Zeferino esteja na terra o acompanha (...). Que o tem acompanhado por vezes em suas viagens por ser este senhor Zeferino companheiro de sua fiança.

Se as palavras destes “homens de bem” forem levadas em conta, existia ali uma clara amizade e sólida relação de confiança, atestada nestes depoimentos. Além destas questões, a relação de compadrio era ponto publicizado pelo Comendador Fontoura e por Zeferino, que costumavam se tratar em público exteriorizando os estreitos vínculos. Esta forma de tratamento servia a ambos os envolvidos, uma vez que ao externar estes laços o

Comendador Fontoura demarcava ao seu lado um fiel companheiro, sempre pronto a lhe defender e retribuir os inúmeros favores de que Zeferino lhe era devedor.³ Zeferino por sua vez, ao acompanhar o Comendador, mostrava àquela sociedade escravocrata as possibilidades, mas também os limites que a liberdade lhe impunha. Possibilidade, pois se mantendo como um leal amigo e estando ao seu lado, garantiu sua liberdade e proteção. Limites, pois colocava em foco a necessária dependência que unia homens desiguais no mundo sulino oitocentista.⁴

Se na guerra Antonio Vicente havia incrementado relações com um companheiro de “sua fiança”, foi nesta mesma que incrementou também as relações como comerciante e que lhe conferiu um grande prestígio entre os seus. Capitalizar a guerra a seu favor não foi exclusividade de Fontoura, tampouco de um grupo político apenas.⁵ (RIGHI, 2009).

O mesmo parece ocorrer com Zeferino, que fez da guerra um momento de estreitamento dos laços já constituídos e solidificou lealdades para com o Comendador. Não se sabe se Zeferino teve uma inserção formal dentre o exército rebelde, mas ele esteve sempre por perto de Antonio Vicente, desempenhando funções importantes, estratégicas e de confiança. Uma das testemunhas anteriormente citada se refere a Martinho como íntimo amigo do comendador Fontoura, além de demarcar que ele sempre foi “seu camarada” na guerra civil.⁶ A referência a Martinho como camarada de Fontoura pode ter duas explicações: a testemunha podia estar se referindo a alguém que o acompanhava informalmente, por alguém vinculo de lealdade ou gratidão; ou estava querendo dizer que Martinho era um soldado, pertencente à prática comum a muitos oficiais em dispor para si de empregado “particular”. Camaradas eram, nesta acepção, servos que acompanhavam oficiais no

³ Esta lealdade vai ser posta a prova por ocasião do assassinato de Fontoura em 1860 e mesmo posteriormente ao crime. Em 1863, Zeferino tenta vingar a morte de seu protetor. Série Justiça – Gabinete do Ministro IJ1585– Ofícios da Presidência da Província do RGS dirigidos ao Ministério dos Negócios e da Justiça – 1863. Ofício nº156, de 14/06/1863 e ofício nº 191, de 29/1863, Arquivo Nacional.

⁴ Esta dependência pode ser pensada sob várias óticas, e, portanto, embora necessária, pode ter sido por vezes almejada enquanto estratégia pelos escravos e libertos daquela sociedade.

⁵ FARINATTI já havia percebido isso para alguns chefes militares e estancieiros da fronteira oeste do Rio Grande do Sul, em especial, através da figura de Bento Manuel Ribeiro (2010).

⁶ Depoimento do Capitão João Antonio Campos. APERS, Processo-crime, Cachoeira do Sul, Maço 6, auto nº 3079.

Exército. Também podiam ser chamados de soldado particular e alguns recebiam alguma graduação, como sargentos (RIBEIRO, 2009).⁷

Não há certeza em qual destas situações Martinho estava enquadrado na guerra (ou se na duas!); apenas sabemos que ele esteve sempre presente ao lado e à serviço do Comendador. Sabe-se que o próprio Zeferino possuía um camarada. Isso faz supor que ele – caso estivesse integrado à estrutura do Exército Farroupilha – pudesse ser um oficial.

O camarada de Martinho é mencionado no diário por três vezes, duas delas como “o camarada de Zeferino” (FONTOURA, 1984, p.68, 84). Era chamado de “Acaba-de-Querer”. Desde que o primeiro contato com esta situação, o nome do possível camarada de Martinho soou intrigante. E foi na leitura das correspondências do próprio diário que essa situação ficou mais clara. Na correspondência de 28 de maio de 1844, Fontoura dedica algumas linhas a ele, o “Acaba-de-Querer”. Por ocasião da passagem pelo acampamento do Coronel Teixeira Nunes, Antonio Vicente se pôs sobre a pena a divagar. Escreveu ele:

O Coronel Teixeira Nunes e o Acaba-de-Querer – esta madrugada, apesar do frio e da geada que havia passado a galope perto do nosso acampamento o coronel Teixeira. Estava o Acaba-de-Querer no seu fogão e querendo fazer um elogio ao coronel, que outrora foi seu comandante, descreveu, a meu ver com muita singeleza e exatidão, o caráter do seu ex-comandante, que por lhe achar algum sal e muita semelhança, aqui transcrevo com as mesmas frases que ouvi:

“ – É puxa, gruió! Esse qui se chamaro veredranderó gruió! Ro cavaro ere memo vai refrongrando não vê! Esse sí, foi no, foi no Coimbra veia! Ésse que chama memo ro home afreventado! Gruio, no sente ro frio. Cara deve memo cu cavaro tudo é um memo; no sente ro frio. E puxa!”

Esta correspondência é esclarecedora de muitas coisas. Se havia a suspeita de que o “Acaba-de-Querer”, camarada de Zeferino fosse um africano, aqui estas suspeitas parece tornar-se fato. Não só era africano, como era meio bossal. A tentativa de Antonio Vicente da Fontoura de tentar reproduzir o som que ouviu através da escrita possibilitou a certeza da africanidade dele. Suas palavras, pela leitura do documento (e pela tradução que Antonio Vicente fez, ao ouvi-las), parecem sair em algum dialeto africano, mas já permeada de

⁷ Camarada: Companheiro de quarto, colega, discípulo. Cada um dos indivíduos, que exercem a mesma profissão e particularmente a profissão militar. Soldado, que está impedido de no serviço particular de um oficial do exército. Nome que se dá em geral aos militares. LELLO UNIVERSAL (p. 432). Camarada: Vivenda, e conversação de pessoas no mesmo rancho, ou câmara, nos navios, e quartéis (...) de sua cevadeira, convivência, conversação, partido, facção. O homem arranchado com outro, no rancho, no quartel e que é de mesma companhia, regimento e hoje se chama assim qualquer soldado. SILVA (1813, p. 329).

expressões regionalizadas típicas do sul do Brasil e muito usadas naquele universo rural sulino do século XIX.

Expressões como “refrongando”, “gruio” e “e puxa”, que à primeira vista podem parecer sem sentido possuíam significados regionais. “Refrongando”, dizia respeito ao cavalo e pode significar o mesmo que “ressolhando” ou “ressolhar”, som característico emitido pelo cavalo quando respira com dificuldade, quando está cansado. Podia ainda ser entendido como “resfolegar”. Essas duas formas derivam do castelhano “ressolar”.⁸ Já o elogio feito por Acaba-de-Querer ao coronel Teixeira está expresso na palavra “gruio”. “Gruio” é “grulho (a)” e significa “pessoa valente, guapa, resistente; temido por suas façanhas, valente, corajoso, destemido, audacioso, orgulhoso” (BOSLLE, 2003, p.272). E a expressão que Fontoura usa para finalizar o comentário feito por Acaba-de-Querer – “e puxa”, pode ser lida como uma das mais usuais expressões sulinas àquela época: “Cuê-pucha, cué-pucha, cué-puna, eh-pucha ou eh! Puxa”. Todas estas expressões e suas variadas formas de grafia exprimem admiração, entusiasmo ou espanto, na forma de uma interjeição. E também são originários do castelhano (BOSLLE, 2003, p.176, 204); (NUNES, 1996, p. 136, 155). Seria hoje o equivalente a expressão “bah”, uma forma de contração da palavra barbaridade, usada para as mais variadas situações, também como interjeição.

Como já dissemos, o nome do camarada de Zeferino, - “Acaba-de-Querer” – foi intrigante desde o princípio, e duplamente. Primeiro porque parecia incomum o fato de Zeferino (não sabemos se já liberto nos anos da guerra) possuir ele também um camarada, assim como o era de Antonio Vicente. E, em segundo lugar porque literalmente o nome de seu camarada soava no mínimo curioso. Entretanto, os dados acima e algumas reflexões ajudam a conformar a ideia de que o nome deste africano podia estar grafado por Fontoura tal qual a forma que ele, através do som que escutava, compreendia ser o nome do camarada de Zeferino. Ora, se Acaba-de-Querer era um africano em processo de ladinização - como tentamos demonstrar, e Antonio Vicente havia feito referência a esta dificuldade do mesmo ao falar, ao

⁸ Resselhador: Diz-se do animal que tem dificuldade para respirar, emitindo um som característico pelas ventas; Resselhar: Respirar com dificuldade (o animal) produzindo um som característico, resfolegar ruidosamente (do cast. plat. Resselar). BOSLLE (2003, p.444).

transcrever aquilo que havia ouvido, é muito provável que “Acaba-de-Querer” fosse também uma interpretação fonética do nome africano do camarada de Zeferino.

O termo “Akaba”, significa “vodum do panteão da casa das Minas”; pode ainda, remeter ao rei entronizado em Abomé por volta de 1680 (LOPES, 2004, p.44). Já “querequerê” diz respeito a um orixá banto correspondente a nanã jeje-iorubá. Nanã por sua vez é uma variação de “nanã borocô ou “nanã borocu”, um

Orixá de origem jeje ou vodum, cultuado na mina, no camdomblé e na umbanda. Na África, é divindade cultuada na antiga Iubalândia até a região dos tapas, além do rio Volta, na região de Guangs, e até o território de Axantis. Entre estes, *nana* é termo de deferência para pessoas idosas e respeitáveis (LOPES, 2004, p.466, 548).

Outra questão importante de ser destacada é relação expressa por Fontoura entre o “Acaba-de-Querer” e seu “ex-comandante Teixeira Nunes. Isso indica ainda que ele possa ter sido um dos escravos que compuseram os Corpos de Lanceiros Negros, já que o coronel Teixeira era comandante de um desses corpos. Mas porque “Acaba-de-Querer” não estava mais entre os Lanceiros? Em uma das correspondências em que é mencionado, é citado como “pobre velho soldado”. Mas essa designação não seria suficiente para tirá-lo da guerra, já que sabemos que outros escravos campeiros foram soldados requeridos pela guerra ainda que com idade avançadas para o padrão dos escravos e dos soldados à época (CARVALHO, 2013). Na última correspondência de Antonio Vicente em que “Acaba-de-Querer” aparece, surge também o motivo pelo qual não fazia mais parte das tropas e estava servindo como camarada de Zeferino: ele estava inválido. Quando Fontoura o chama de “pobre inválido” também atesta novamente sua estrangeirice ao dizer que Acaba-de-Querer havia elogiado Teixeira Nunes em “sua meia-língua”. Meia-língua significa uma linguagem confusa, pouco inteligível, particularmente de criança ou de estrangeiro que não domina um determinado idioma. O que pode ser lido como o atestado de que Acaba-de-Querer era realmente um africano.

Embora a referência ao nome dele tenha uma dose considerável de especulação, não achamos impropriedade, já que os indícios quando lidos em seu conjunto parecem apontar para o fato de que o camarada de Zeferino, Acaba-de-Querer pudesse ser um africano, ter sido lanceiro, lutado na guerra

sob o comando de Teixeira Nunes, ficado inválido, tornado-se camarada de outro negro e ser respeitado entre os seus como um “velho soldado”. Antonio Vicente, da mesma forma que estimava muito a Zeferino, tinha Acaba-de-Querer entre aqueles que estavam sempre com ele, entre seu “séquito”. É esta a expressão que ele utiliza ao descrever (em uma dos seus desenhos feitos no acampamento) àqueles que estavam no seu grupo; entre eles, o Acaba-de-Querer.⁹ Por certo que a expressão “séquito” denota a existência de certa hierarquia, no entanto isso não impedia que entre eles houvessem graus variáveis de amizade, lealdade e respeito. Mas se houvesse uma escala de graus de amizade e estima de Antonio Vicente pelas gentes de seu séquito por certo que Zeferino Martinho estava posições acima do Acaba-de-Querer.

No diário de Antonio Vicente da Fontoura há inúmeras referências a seu “pardo velho e muito amigo” Zeferino. Se tomarmos estas cartas como uma produção do que a historiografia tem chamado de “escritas de si” podemos perceber que o diário:¹⁰

Se inclui no que Renato J. Ribeiro chamou de “coleção de si”, ou seja, uma forma de “guardar a melhor recordação de si mesmo”. Para Ribeiro, o diário é um produto literário típico do século XIX, caracterizado pela ascensão do individualismo e pela proliferação de “narrativas autobiográficas” – romances históricos, diários íntimos, coleções e arquivos particulares. Estes documentos devem ser considerados construções autobiográficas “em que a presença do eu é simultaneamente testemunhal e autoral” (HEYMANN, 1997).

Ou seja, quando Antonio Vicente da Fontoura relatou sua participação na guerra, descrevendo-a através de seu diário, não estava apenas dando um testemunho do que vivera e presenciara, mas selecionando fragmentos e elaborando uma versão pessoal do acontecido. Estes escritos às vezes são produtos de encruzilhadas na vida de seus autores. Momentos importantes ou traumáticos em que eles sentem necessidade, não só de colocar em ordem (principalmente para si) o turbilhão em que se encontram, como também gerar

⁹ Antonio Vicente descreve a barraca dele como “a última (...) que está à direita, toda cheia de remendos e um tanto suja, é do Acaba-de-Querer, camarada do Zeferino. Eis aqui o séquito entre o qual passo dias e dias sem ver mais que os meus livros e os meus papéis”. FONTOURA (1984, p.84).

¹⁰ HEYMANN (1997); GOMES (2004). As cartas constantes neste diário são datadas de princípios de janeiro de 1844 a fins de março de 1845. O diário foi publicado primeiramente em 1934 pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e posteriormente transformado em livro. FONTOURA (1984).

uma representação sobre o ocorrido que influenciará na posteridade a imagem de se fará de seu autor (e de sua família) (RIGHI, 2009, p. 38-39).

Embora estes autores testemunhais não tivessem controle da maneira com que suas memórias seriam apropriadas e entendidas na posteridade ainda assim escreviam para registrar uma imagem de si, daqueles que lhe eram caros e mesmo de seus inimigos.¹¹ E o Comendador Fontoura, ao escrever, por diversas vezes se referiu a seu leal amigo, o pardo velho Zeferino. Aliás, não somente a ele, mas a outros seus compadres, demarcando suas relações.¹² Zeferino é citado nominalmente vinte e uma vezes ao longo do Diário, num montante de trezentos e nove correspondências; isto é, não se passava mais que quatorze dias e lá estava Zeferino figurando em alguma correspondência de Antonio Vicente para sua esposa Clarinda. Zeferino inclusive sabia ler e escrever tendo ele também trocado correspondência com Fontoura.¹³

A dois de janeiro de 1844, na segunda correspondência do diário, Fontoura diz a Clarinda que estava no acampamento “apartado de todos os parentes e amigos, porque saíram em diferentes destinos”. Disse ele:

O compadre Felisberto deixou Jacinto, porém saiu em serviço, o mesmo teu irmão Juca, o compadre Frutuoso e Carvalho, mas esta ausência não era de muitos dias. O Zeferino também foi, com esperanças de ver a mulher, e quanto mais estimo a este de tarde, por ver amizade que consagra à mulher.

Assim, localizado entre parentes e amigos estava Zeferino, pessoa cada vez mais estimada por Fontoura. Martinho aparece sempre no rol de relações de compadrio de Fontoura. Situação que vai se concretizar formalmente após a guerra, mas que na prática estava sendo gestada naqueles duros anos de guerra. Do que se tece uma relação de compadrio? São vários os elementos que podem ser destacados, mas um deles era a amizade, embora e nem sempre fosse o mais importante.

¹¹ Isso fica nítido ao se referir a Bento Gonçalves da Silva, Mariano de Mattos, Domingos José de Almeida e José Vasconcellos de Gomes Jardim, a quem Fontoura não poupou críticas no seu “Diário”. FONTOURA (1984).

¹² Entre estes, estavam dois cunhados, irmãos de sua esposa Clarinda, Delfino Gomes Porto e José Gomes Portinho, este, seu cunhado duplamente, já que Antonio Vicente era casado com sua irmã e Portinho com a irmã de Fontoura. Constava ainda, Frutuoso da Fontoura e Felisberto Ourique. Este um dos mandantes de assassinato do Comendador Fontoura 15 anos mais tarde.

¹³ “Também recebi uma carta de Zeferino (...), em que ele me diz que o compadre Frutuoso ficou doente na nossa internada e por certo que bastante cuidado me tem dado, pois o lugar nada tem de seguro”. FONTOURA (1984, p.85).

O momento de descobertas de informações sobre um objeto de pesquisa (mesmo que de pequenos indícios) é sempre um momento de celebração. A ansiedade por informações sobre as vidas (e mortes) dos objetos de pesquisas é freqüente. Em se tratando de grupos subalternos, já é praxe dos historiadores o uso de fontes repressivas para o acesso às trajetórias destes indivíduos. Assim sendo, muitas vezes o pesquisar é movido por sentimentos quase mórbidos, quando se deseja que ocorram brigas, prisões, disputas judiciais e mesmo mortes (e que, se possível venham acompanhadas de detalhes devidamente registrados) para que deles se possa utilizar para a reconstituição das experiências destes indivíduos em um tempo e espaço artificialmente criados para fins metodológicos. A difícil tarefa de guardar distância do objeto foi posta à prova quando foi lida a seguinte correspondência do “Diário” de Fontoura, datada de 15 de setembro de 1844. Dizia a carta:

Eu, o compadre Delfino e Frutuoso, o Rodrigues e as comadres pouco que soubemos que o Zeferino está viúvo. Ele está aqui também e ainda não sabe! Conversa com alegria e fala ainda a miúdo da sua velha. Coitado! Não sei se trazê-lo enganado é compaixão! Parece-me mais uma espécie de perfídia. Contudo, eu não me atrevo a dizer-lhe nada (FONTOURA, 1984, p.106).

Porém, se ao historiador algumas informações são impactantes a ponto de questionar uma pretensa objetividade e racionalidade necessária às pesquisas acadêmicas, a ele cabe também ser capaz de perceber o impacto que certas informações podem causar. O que quero dizer é que quando soube através da correspondência de Antonio Vicente que Zeferino havia ficado viúvo uma determinada impressão nos acompanhou: a do verdadeiro pesar de Fontoura para com o ocorrido. E que, esta impressão, à medida que se foi paralelamente tecendo a trajetória da vida de Zeferino e Antonio Vicente da Fontoura não se desfez. Pelo contrário, era reiterada constantemente. Este entrelaçamento de trajetórias foi uma escolha metodológica - mas também colocada pela forma como se foi apresentando na documentação.

A dúvida em que Fontoura se coloca da difícil situação de contar (ou não) a Zeferino o que havia acontecido e de como proceder é realmente angustiante. Ao escrever para dona Clarinda, Fontoura se punha a refletir sobre a situação: não contar lhe parecia uma enganação; sentia-se agindo com falsidade, sendo infiel, atraídoando Zeferino. Mas lhe faltava coragem. A carta se encerra com a sensação, para o pesquisador, de que realmente aquela

situação lhe pusera em suspenso, sem saber como agir. Parecia a Antonio Vicente algo que conferia grande importância, situação que merecia um pouco mais de reflexão da sua parte, para depois decidir o que fazer e/ou dizer (e como fazer). A angústia que acometeu Fontoura se justificava pela proximidade dele com Zeferino e pela importância que dava ao mesmo. Participar uma perda em meio a uma sangrenta guerra era mais difícil quando existiam laços e sentimentos envolvidos na relação. Ainda que em meio a uma guerra onde este tipo de situação se colocava a todo instante e tristes notícias chegavam a toda hora.

Mas o diário de Fontoura guardava ainda outros momentos em que Zeferino dava ares de sua importância de sua relação com Antonio Vicente e das reciprocidades existentes entre ambos.¹⁴ Em princípios de novembro de 1844 havia ficado decidido que Fontoura seria o emissário dos rebeldes à Corte para negociar o Tratado de Paz. Sua partida estava marcada para dia 14 de novembro, mas efetivamente somente conseguiram sair da província em princípios de dezembro. Sua comitiva era composta pelo coronel Marques de Souza, pelo capitão Carlos, irmão do Barão de Caxias e por seu camarada Zeferino Martinho da Cunha. Ao comentar a viagem, disse Fontoura: “Apesar de que não tivemos vento à popa, todavia não foi tão contrário que deixássemos de ter uma boa viagem. Eu não enjoiei, porém, o pobre Zeferino enjoou tanto que tem lançado por vezes” (FONTOURA, 1984, p.150). Embora acostumado a acompanhar Fontoura em todas as suas viagens, é possível que esta fosse a primeira viagem de navio que Zeferino fazia. Viajavam no vapor “O Fluminense”. A estada na Corte foi breve o suficiente para os acertos necessários ao Acordo de Paz. Uma semana foi o suficiente para Fontoura e sua comitiva resolverem os assuntos e a 19 do mesmo mês já estavam embarcados prontos para a volta à Província de São Pedro. Traziam em seus baús as instruções e o Decreto de Paz. Antes da partida de volta, na véspera do embarque, Fontoura registra em seu diário que haviam de mudar para um barco menor e menos potente:

¹⁴ Pensamos aqui esta relação como uma via de mão dupla, na forma de reciprocidades. Reciprocidade entendida como “um sistema de trocas por meio do qual se mantém laços de solidariedade social, ou seja, através de um sistema de negação/doação pessoal gera-se também um ganho pessoal” (COSTA, 2008).

Amanhã devemos embarcar no vapor Paranapitanga, de força de 60 cavalos, visto que o Gambá embirrou em não querer que voltemos no vapor em que viemos e que é da força de 120 cavalos, de muitos melhores cômodos e de mais segurança para atravessar o oceano, pois no Paranapitanga, com qualquer vento teremos de arribar, tornando mais longa a viagem que se quer fazer com rapidez (FONTOURA, 1984, p.155).

Gambá, o motivo da troca de um barco maior e mais confortável por outro menor, “de maus cômodos” era Martinho Zeferino da Cunha. Porque Fontoura o chamara assim? Teria Zeferino se dedicado à bebida após a viuvez, a ponto de ganhar tal alcunha? Não há uma resposta para isso. Mas sabe-se que durante a viagem para a Corte o pardo Zeferino havia enjoado algumas vezes, razão pelo qual não queria voltar no mesmo vapor. Fontoura e sua comitiva mudaram de barco, mesmo sob o risco de o retorno demorar mais que o esperado, e mesmo sabendo que isso podia atrasar uma importante missão que lhe havia sido destinada, que definiria os rumos da guerra na província. No entanto, as resoluções do Acordo de Paz chegaram ao sul no mesmo tempo que havia durado a viagem de ida à Corte: uma semana.¹⁵

O ano de 1845 se iniciava com as tratativas de paz em curso. E mais uma vez, Zeferino estava presente de forma significativa nestes arranjos. Zeferino foi o escolhido por Fontoura para acompanhar um oficial imperial que levava comunicações do Barão de Caxias até David Canabarro. Dez dias se passaram e Zeferino estava de volta, com a resposta. No início de fevereiro novamente Zeferino é citado – e pela última vez no diário - cinco correspondências antes dele se encerrar. A quatro de fevereiro de 1845 Fontoura comenta que “o Delfino está para chegar em Bagé e o Barão prometeu-me de mandá-lo logo. Sem embargo, amanhã faço voltar o Zeferino para vir com ele”. Mais uma vez, lá estava Zeferino, desta feita indo buscar o compadre e cunhado de Fontoura, que havia sido preso, “não por questões políticas, mas por uma dívida de jogo”, como fez questão de deixar registrado. (FONTOURA, 1984, p.160-161). O que estas solicitações de Fontoura a Zeferino demonstram é que havia ali imbuída uma confiança conquistada aos poucos e de forma mútua. Demonstra também que Zeferino era um homem que devia conhecer bem os caminhos – tanto físicos quanto simbólicos – das negociações políticas empreendidas na guerra, pois estava sempre levando e

¹⁵ Embarcaram em 19 de dezembro, saíram a 20 e chegaram no sul, entrando pela barra de São José do Norte em 27 de dezembro de 1844.

trazendo informações preciosas a mando de ninguém menos que Antonio Vicente da Fontoura, um dos líderes da guerra por parte do grupo rebelado.

Em uma das correspondências, o editor do Diário de Antonio Vicente da Fontoura faz uma apreciação sobre a pessoa de Zeferino:

Zeferino Martinho da Cunha acompanhou Fontoura ao Rio. Homem de grande bom senso e muito e muito atilado era, no entanto, de nenhum conhecimento e trato rude. Estavam uma noite, em um teatro do Rio, ele e Fontoura. Enquanto este conversava, um pouco retirado, alguns jornalistas e militares, interessados em saber notícias exatas dos republicanos, suas forças, recursos, posição, etc, apertaram com perguntas sobre perguntas a Zeferino, que lhes respondia o melhor que podia. Afinal, muito instado, não tendo como desenredar-se de algumas contradições, disse muito seriamente, em voz alta, olhando para o lustre do centro: *Cué pucha!* Que lampeão grande! Foi o sinal da debandada geral. Dias depois os jornais atribuíram o dito a Fontoura (FONTOURA, 1984, p.148).¹⁶

Essa fala sobre Zeferino tem visível caráter anedótico, porém, mais que enxergar nela algo engraçado, percebe-se a expressão do estranhamento de que foi impactado Zeferino, causado pela distância entre o mundo em habitava e àquele que estava vivenciando na capital do Império. Entre a paróquia e a corte havia diferenças enormes, sendo tal situação ilustrativa de que ele não estava de posse dos códigos culturais daquele universo urbano e cortesão. No entanto, discordamos quando Zeferino é descrito como homem sem “conhecimento” e “rude”, pois o que o editor viu como rudeza e ignorância pode ser lido como uma expressão da vivências e referências que Zeferino possuía como homem sulino, nascido e criado no interior da província e moldado por uma vida rural e de guerras. Mas Zeferino aparece também descrito como um homem desenvolvido, atilado, capaz de fornecer informações “a jornalistas e militares”.¹⁷ Por certo que Zeferino “respondia o melhor que podia” e se não dominava os códigos cortesãos, os daquele mundo sulino que habitava - político, belicoso e fronteiriço – ele conhecia e manejava como poucos.

Referências bibliográficas:

BLOCH, Marc. *A apologia da História ou o ofício do Historiador*. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2001.

¹⁶ Informação de Bento Porto da Fontoura, filho de Antonio Vicente, nota do editor.

¹⁷ Atilado: escrupuloso, correto, prudente, ajuizado, sagaz, esperto. Pode ser ainda, elegante e apurado. HOLLANDA (1988, p.70).

BOSSLE, João Batista Alves. *Dicionário Gaúcho Brasileiro*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2003.

Carvalho, Daniela Vallandro de. *Fronteiras da Liberdade: “Experiências Negras de Recrutamento, Guerra e Escravidão: Rio Grande de São Pedro, c. 1835-1850*. Tese (doutorado) – UFRJ /IH/ PPGHIS, Rio de Janeiro, 2013.

COSTA, Ana Paula. Negociações e Reciprocidades. Interações entre Potentados Locais e seus escravos armados nas Minas Gerais na primeira metade do séc. XVIII. *Almanack Braziliense* (Online), v. 8, p. 57-70, 2008.

FARINATTI, Luis Augusto Ebling. *Nos Confins Meridionais: Família de elite e sociedade agrária na Fronteira sul do Brasil (1825-1865)*. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2010.

_____. Escravos do Pastoreio. Pecuária e Escravidão na Fronteira Meridional do Brasil (Alegrete, 1831-1850). *Ciência & Ambiente*. UFSM, n.33 semestral, p.135-154 (jul/dez, 2006).

FONTOURA, Antônio Vicente da. *Diário*. Porto Alegre: Sulina, Martins/Caxias do Sul: EDUCS, 1984.

GOMES, Angela Maria de Castro. (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, Memória e Resíduo. Uma reflexão sobre Arquivos Pessoais e o caso Filinto Muller. *Estudos Históricos*. Vol. 10, nº 19, CPDOC-FGV, Rio de Janeiro, 1997.

HOLLANDA, Aurélio Buarque de. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1988.

LELLO UNIVERSAL. *Novo Dicionário-Enciclopédico Luso-Brasileiro*. Porto, Lello & Irmão, s/dt.

LOPES, Nei. *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*. São Paulo: Selo Negro, 2004.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo Saquarema: a Formação do Estado Imperial*. 2 ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1990.

NUNES, Zeno Cardoso. *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Martins Livreiro, 1992.

RIBEIRO, José Iran. *Quando o serviço os chamava: Milicianos e Guardas-Nacionais no Rio Grande do Sul*. Santa Maria: ED. da UFSM, 2005.

_____. *“De tão longe para sustentar a honra nacional”*: brasileiros na Guerra dos Farrapos (1835-1850). Programa de Pós-Graduação em História Social/UFRJ, Tese de Doutorado, UFRJ, 2009.

_____. *Uma vida na caserna: o Exército Imperial a partir da atuação do corneteiro Valeriano Joaquim de Almeida*. Texto Inédito.

_____. *“De tão longe para sustentar a honra nacional”*: Estado e Nação nas trajetórias dos militares do Exército Imperial brasileiro na Guerra dos Farrapos. Tese de Doutorado em História, UFRJ, 2009.

RIBEIRO, Renato Janine. Memórias de si, ou... *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, CPDOC-FGV, Vol. 11, n. 21, 1998.

RIGHI, Rosicler. *Esfaqueamento no Púlpito: O comércio e suas elites em Cachoeira do Sul na segunda metade do XIX (1845-1865)*. São Leopoldo: PPGH da UNISINOS, Dissertação de Mestrado, 2009.

SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da Língua Portuguesa*. Lisboa, Tipografia Lacérdina, 1813.